

sísifo



fascículo

4

poesia e crítica

sísifo

poesia e crítica
FASCÍCULO 4

direcção e edição de
MANUEL BREDASIMÕES

POEMAS

de

SEBASTIÃO DA GAMA, MARIA DA ENCARNAÇÃO BAPTISTA, CARLOS WALLENSTEIN, PURA VÁZQUEZ, ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA, MANUEL PINILLOS, ADRIANO LOURENÇO DE FARIA E JOSÉ BENTO

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

de

BREDA SIMÕES

DESENHO DA CAPA, DO PINTOR MÁRIO SOARES

REV. 7078V

Compra
21. AGO. 1997

SEBASTIÃO DA GAMA

(1924-1952)

Quando este 4.º fascículo já estava em andamento, integrando no seu sumário o poema inédito «Anunciação», recebemos, pela notícia singela de um jornal da tarde, o golpe duro da morte de um querido amigo — Sebastião da Gama.

Ao roubar ao nosso convívio o Poeta-total — Poeta pela obra e Poeta pela vida — que foi Sebastião da Gama, o destino parece querer, uma vez mais, lembrar-nos que «morre jovem o que os Deuses amam».

Demasiado jovem morreu este poeta — apenas 27 anos de uma vida que foi, toda ela, Poesia —, mas os Deuses permitiram ainda que a sua personalidade se definisse através de três livros de poemas, dos mais significativos da jovem Poesia portuguesa.

«Sísifo», que desde o seu aparecimento contou com a camaradagem, com a compreensão, com a adesão e com os incitamentos de Sebastião da Gama, recorda-o e assinala a perda irreparável de um Poeta e de um Amigo. E até que, num próximo fascículo especial de «Sísifo», seja prestada a Sebastião da Gama a homenagem que lhe é devida — e para a qual pedimos a colaboração especial de todos os colaboradores habituais, bem como de todos os Poetas e de todos os Críticos portugueses, — publicamos, neste número, além do poema que a ele se destinava, uma carta onde o Poeta nos traça a sua ficha bio-bibliográfica e nos fala da sua poética, carta à qual juntamos um poema do livro Campo Aberto, aí referido, e que, tão claramente, define o seu caminho poético.



UMA CARTA DO POETA

Azeitão, 22

Caro Breda

De volta do Marão encontrei a sua carta. No dia seguinte adoeci e ainda estou doente— coisa passageira, mas que me não permite escrever longamente. Hoje é só agradecer-lhe as suas boas palavras, dizer-lhe que espero a sua crítica com merecida ansiedade, dar-lhe a direcção do Ildefonso — Castelvi, 5, ZARAGOZA, e responder ao questionário ⁽¹⁾:

- 1) «Serra-Mãe» — 1945
«Cabo da Boa Esperança» — 1947
«Campo Aberto» — 1951
- 2) «Aqui e Além»
«Távola Redonda»
«Ver e Crer»
«Atlântico»
«Universitárias»
«Mundo Literário»
«Horizonte»

3) Nasci em Azeitão (Vila Nogueira) em 1924; vivi na Arrábida de 1939 a 1951; sou professor na Escola Industrial e Comercial de Estremoz; frequentei a Faculdade de Letras de Lisboa, como aluno voluntário, de 1942-1943 a 1945-1946; licenciiei-me em 1947 (Filologia Românica).

4) Minhas ideias acerca da poesia. Vide: Louvor da Poesia, in Campo Aberto.

Será tudo ?

Olhe que a resposta ao n.º 4 não é para posar. É que só nos versos sei o que penso da Poesia.

Abraços — e perdões

Sebastião

⁽¹⁾ Eis o questionário em questão, cujas respostas se destinam a ilustrar uma pequena Antologia da Poesia Portuguesa 1940-1951, a publicar, próximamente, na magnífica revista espanhola «Isla de los ratones»:

- 1) Livros publicados, com as respectivas datas de publicação.
- 2) Revistas onde tenha colaborado.
- 3) Breve nota biográfica.
- 4) Que pensa da Poesia em geral, e da sua própria Poesia? — (N. R.).

Anunciação

— *Quem bateu? Ouviste?*

Tão de manso, tão...

— *Meu Amor, é gente,
meu Amor, ou não?*

— *Se será o Anjo,
para anunciar!?...*

— *Fosse a noite calma,
fosse o vento brando,*

viria..., viria...

Mas assim, Amor?

*Oh! a alma frágil,
nesta ventania!*

— *Meu Amor, vais ver?...*

— *Meu Amor, pois vou...*

— *Que perfume é este?*

Esta luz que entrou,

esta paz que veio

p'lo postigo dentro?

— *Meu Amor, não vês?!...*

Meu Amor, não sentes?!...

Arrábida, Agosto de 51

SEBASTIÃO DA GAMA



Louvor da Poesia

*Dá-se aos que têm sede,
não exige pureza.
Ah!, se fôssemos puros,
p'ra melhor merecê-la...*

*Sabe a terra, a montanhas,
caules tenros, raízes,
e no entanto desce
da floresta dos mitos.*

*Água tão generosa
como a que a gente bebe,
fuja dela Narciso
e quem não tenha sede.*

(in — «Campo Aberto»)

SEBASTIÃO DA GAMA



Tu não trazias amor

*Tu não trazias amor
essa dádiva de ti mesmo
Trazias horas burguesas
nos sofás do abandono
Trazias larvas burguesas
escondidas nos teus olhos
e promessas de outros sonhos
Escondidas nos teus dedos
apertados longamente
nas longas noites de sede
Tu não trazias amor*

*Trazias horas amargas
— oh cobardia sem nome ! —
do altar da burguesia
nessa dádiva que traías
nos braços de fuga e sono ...*

MARIA DA ENCARNAÇÃO BAPTISTA



*Filho, nada é vão
um rosto espreita longe
e abre-te silêncios
fechados no teu chão*

*Mas filho quão breve
o instante amadurece
e um sonho novo tece
semente de outro sonho*

*Segue entre granadas !
o olho de radar
no rastro do teu lenho*

*é a pomba que nasce
da minha dor pensada,
filho que não tenho*

MARIA DA ENCARNAÇÃO BAPTISTA



2 poemas de «amor, morte e mar»

Para a Natália

3

*Um dia será mar
e seremos azuis.
Nossos faróis serão olhos de peixes.
Nossas companheiras, algas,
nosso leite, pedras,
nosso licor, sal,
nossa esperança, a tempestade,
nossa casa, o infinito,
nosso desespero, o termos existido,
nossos campos de pão, anacaradas conchas,
nosso inverno, gelo à superfície,
nosso afago, a solidão,
nossas grades, as memórias,
e o Universo será apenas Nós.*

*Pela última vez, amor,
empalidece agora a cristalina água
com teu corpo.*

4

*Nascente do amor — sorriso agreste.
Onda de olhar, esperança azul ardente
E bem do fundo, mágoa; — assim se sente
Firme sinal de que o amor se veste.*

*Ao cabo há sempre a sombra dum cipreste.
Então a terra é viva e a seiva é quente.
Recorda um búzio uma canção dolente...
Por cima, praia... a maresia investe...*

*Eterna duração do amor sem mágoas ...
Há um sorrir no marulhar das águas ...
Nascem algas dos beijos que te der ...*

*Sejamos pedras — e algas entre nós !
Mar, túmulo azul ! E a nossa voz
Cante-a um búzio a quem nos entender.*

CARLOS WALLENSTEIN



Mi Vieja Nostalgia de Galicia

*Salgo a tu encuentro, bosque poderoso,
buscándote en la sangre y en el sueño
del Tiempo que resbala como lluvia en tus troncos.*

*En la encendida bruma
de lejanías o vuelos crepusculares,
donde no hay aves ya, ni abejas pulen
el aire con zumbidos apretados.*

*Llevo en la mano aquella historia sin palabras,
de plenilunios y danzas místicas
en torno de una sombra que llamaban
Dios mis antepasados, ignorándole.
La historia mítica de los dioses lares,
perdiéndose en las islas desconocidas, solas,
de los días iluminados. Llevo
temblándome en los dedos y en los ojos
estremecidas palomas que surcaron
el vasto mar de hojas de mis templos druidas.*

*Caminando hacia tí me alejo por la costa
que me lleva al momento de donde parten mis raíces,
océano poderoso anegando mis sentidos despiertos,
viento inmemorial sumiéndome en viejos silencios
al borde de las muertes que me legaron.
Te busco en el gastado sol que, las fuentes dora*

*y abrasa los arroyos, consumiendo
su última brasa en el altar crecido de las colinas.
En las bestias de apacible mirada y honda
voz, poblada de infinitas, enamoradas visiones.
Oh, corteza mía, dulce como el ileco del musgo
apretado a los troncos antiguos,
que suave, largamente arropada en pálpitos de arcillas,
vibra, sueña celestes gritos entre la verde muchedumbre
brillante y celeste que hacia el azul se afana!*

*Salgo a buscarte por los oscuros laberintos de las edades,
— alma inmortal de los bosques —, tierra
que se me estuma en vahos misteriosos, leves,
como niebla de siglos que te cincunda melancólica.*

España

PURA VÁZQUEZ



Olvido

*Dejas caer sobre mis ojos
esas cenizas, ese frío...*

*Herida sangre de memorias.
Polvo fugaz para el olvido.*

*Deja que pase la tristeza
con sus otoños sostenidos.*

*Trémulas alas iluminan
otras auroras, otro estío...*

*Despacio! — gritan en mis pulsos
hondos arroyos florecidos —.*

*Anchas estelas de los mares
abren senderos infinitos.*

España 1951

PURA VÁZQUEZ

Teño

*Teño unha frol en tí, asolaçada,
— amor, amor, — nadándome na ialma.
Teño meu goio en tí. Teño teu goio,
— amor, amor, — nacéndome nos ollos.
Teño meu sono en tí, teño teu vaso,
— amor, amor, — nos làbres emborcado.
A miña sede en tí, en min teu canle,
— amor, amor, — doéndome no sangue.*

España

PURA VÁZQUEZ



Relógio parado

*Tudo o que busco foge?
Amor — imáxem fría?
Non me importa ser hoje:
Sei que hei-de ter, un día,
O corazón aflito
Rasgado como um grito.*

*Espero. Enquanto o medo
— Um desejo covarde —
Me ségreda que é cedo
E o espelho que é tarde.
O corazón que diz?
Feliz? Ou infeliz?*

*— «Deixa o tempo. É precoce
Qualquer suposição».
Ignorar é tão doce!*

*Entre um sim e um não,
Nada escolho: procuro
Adiar o futuro.*

25-1-951

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA



Punhal

*Aguardando que o tempo regressasse
Com a trágica máscara dos gregos,
Hoje, tem rugas sobre a face
E os olhos cegos.*

*Não sorri, nunca mais, com lábios lisos,
Ao despertar do Amor entre a folhagem
De entre-sonhados paraísos:
Deixou de ser o rio — é apenas margem.*

*Toldam-no as sombras das cadeias,
Cospem-no as lamas das estradas,
Murcham-lhe as veias
Com que, outrora, tingia as madrugada.*

*Estátua transitória, sem beleza
De linhas aquecidas pelas eras,
Causa horror recordar-lhe a natureza.
— Morte: que esperas?*

9-6-51

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

Poco a poco la muerte

*Y qué fácil dolor, y qué desnudo gozo,
y qué belleza firme considerarte al cabo.
Declino mi nostalgia. Quererte no me salva.
No es buena tu tristeza de enfermizo cansancio,
quedarse sobre tu hombro quietamente ofrecido.*

*No te deseo. Vengas contra mi voluntad,
y sin embargo este hondo latido en que te mueves.
Cuantas veces he amado así!. Como la dulce
latitud que me dejas de cosa apenas dada,
un roce suavemente y en los labios tu cuerpo.*

*La muerte un poco, y ser, sentirse entero y ancho.
Todo lo hermoso, altivo, duele cuando penetra,
ensancha cuando oprime. Lo mejor de la muerte
es ir a ella, no hundirse en su seno, en sus olas;
caminar por sus aguas como el ave de espuma.*

*Vida intensa, morir en cada día. Estarse
sintiendo declinar con la fuerza tremenda
del ocaso. Oh tú, sol por la venas. Bogante
arboleda en donde ahora transito silencioso
suavemente mecido por tu hermosura última*

*Nunca querré morir, siempre morirse un poco
es bueno por cambiar la impetuosa herencia.
Bello poniente en medio del cual aún más se apura
el alma de las cosas, ese irse alejando
en que quedan como ala que los dedos, ay, sienten
extinguirse cuando algo de su oro se dejan.*

MANUEL PINILLOS

Não mais o côncavo desejo de voar

*Não mais o côncavo desejo de voar
Além das fontes. Pedra,
Guardarei a canção do mar.
E onde tua mão tocou a terra
Um dia um lago há-de vibrar
Tocado de indizível melodia
Deiscência da própria primavera.*

ADRIANO LOURENÇO DE FARIA



Por ti

*Por ti abriram nenúfares nos lagos
E puras hastes nos campos se inclinaram.
Por ti o ciciar de sombras vegetais
E a longa sinfonia das estradas
Onde passeiam os risos naturais.*

*Por ti vieram aves cegas e sem cor
E suspensas beberam longamente
A melodia dispersa nos teus raios.
— A melodia muda e transparente
Que elas já sabiam ser amor.*

ADRIANO LOURENÇO DE FARIA

Canção

*Nenhum dos meus caminhos guarda a tua sombra:
só minhas mãos ficaram maiores com a tua ausência
e andam perdidas
não sabendo encontrar-se mais uma com a outra.*

*O ventre de cada coisa é um espelho a recordar-te
— um espelho onde o meu rosto não cabe —
e eu avanço, petrificado de silêncio,
como se tu me chamasses,
tendo-te cada momento mais distante
nas asas cansadas dos olhos sonolentos.*

*Se descendo minhas pálpebras prendesse a tua imagem,
jamais amanheceria para mim .
Se minhas mãos decepadas pudessem encontrar-te,
dar-te-ia minhas mãos como estrada para o teu regresso.*

*Assim, gasto-me nos longos túneis desta ânsia,
certo de que nunca mais estarei presente
para ti, meu amor,
em cada estrela que descobrires na noite ...*

JOSÉ BENTO



Notas Bibliográficas

LIVROS:

Col. *ROSA DOS VENTOS*: *Cidade Longínqua* (Afonso de Moura Guedes) e *Montanha Branca* (M. Vilhena de Carvalho).

1. Como escreveu, tão lúcida-mente, o filósofo francês Jean Wahl, a Poesia é, simultaneamente, evasão e aprofundamento. Evasão tendente à experiência da presença do infinito; aprofundamento, pela participação do infinito no Poeta. Creio que o autor de *Cidade Longínqua* ilustra, através do seu «quarto poema para a salvação», tal ponto de vista da caracterização do fenómeno poético. Na verdade, neste poema, como no melhor do seu livro («Segundo amor de Narciso», «Fim», «Perseguição»), Moura Guedes revela-nos a sua constante posição de fuga, de evasão, de busca de um outro que é ele-próprio («De me encontrar tal como sou no fundo»; «Há dentro de mim um vulto que persigo / e que súbita curva me ocultou»; «Hei-de agarrar-me lá por trás do espelho»; etc.), evasão que não é mais do que o desejo ansiado de participar do *Universo*, que é «um ponto dilatado até ao infinito».

Pena é, porém, que o Poeta, já de posse do rumo que o conduzirá à Poesia, se perca, muitas das vezes, em fáceis exercícios da versificação, falhos de conteúdo poético (v. g.: *Fado*, *Poema de Amor*). É de crer (e de desejar) que Moura Guedes se compenetre de que um Poeta, se o é «*pela Graça de Deus*», não o é me-

nos pela técnica; isto é: é de crer que M. G., senhor de um *caminho poético*, se não deixe iludir pela facilidade, se discipline e saiba seleccionar os seus próximos livros.

2. Vilhena de Carvalho faz adivinhar, mais do que verificar, através da sua *Montanha Branca*, a presença de um Poeta cheio de humor e de frescura lírica.

Tem-se a impressão, após uma leitura atenta do seu livro, de que V. C. se preocupa mais em *confidenciar* do que em *poematizar*. V. C. esquece-se de que, na sua aventura, deve o Poeta de hoje entrar em si-mesmo, não para subjectivar-se e *confidenciar*, mas sim, aprofundando-se, para abrir-se à captação da Poesia que se lhe deparará como um objecto-total que lhe cumpre revelar-nos.

O princípio exacto que V. C. devia seguir, foi, de resto, por ele enunciado no poema inicial de *Montanha Branca*: «Ao poeta quando canta / só o prende a poesia...». Mas teremos que olhar mais para o que V. C. fez, do que para aquilo que se propôs fazer, pois só em raros momentos cumpriu essa primeira afirmação de sentido, vincadamente, programático.

Apenas um poema do livro revela, de forma acabada, essa atitude de objectivação poética: quero referir-me ao poema «*Extravagância de um Poeta da Montanha*». Talvez que V. C. se admire de que considere uma sua «*extravagância*», com o melhor e o mais significativo poema do seu livro: mas a função da crítica é ante-

cipar-se ao artista, conduzindo-o ao seu caminho, quando este dele ainda se não apercebeu.

O humor-lírico que ressalta do poema «Extravagância de um Poeta» pode abrir a V. C. um caminho inexplorado pela jovem poesia portuguesa. Mas V. C. só poderá colher os frutos da sua descoberta (afigura-se-me que de descoberta se trata, por muito que possa parecer presente a lição de Prévert, Poeta quase desconhecido da maioria dos jovens Poetas portugueses) quando souber ser ele-próprio, e se não deixar tentar pela confiança, e pelas variadas influências de leitura que boa parte dos seus poemas nos revelam (v. g.: Estrada larga, Apon-tamento, Sá Carneiro). B. S.

REVISTAS :

LA ISLA DE LOS RATONES, n.^{os} 13 e 15. Santander. Manuel Arce, jovem Poeta, que, sem risco, se poderá considerar como um dos mais significativos nomes da jovem poesia espanhola, dirige, na zona montanhosa, estas magníficas «hojas de poesia».

Santander tem mantido uma boa tradição literária e poética, desenvolvida, nos últimos anos, através de algumas das melhores revistas espanholas, entre as quais se destaca a tão nossa conhecida «Proel». Pois Manuel Arce, com a sua *Isla de los Ratonos* veio manter e fortificar essa tradição poética santanderina.

O n.^o 13 de *Isla* reúne, num excelente ambiente gráfico, alguns dos melhores nomes da actual Poesia espanhola (J. Hierro, Santos Torroella, Joan Brossa, Joaquin de Entrambasa-

guas, L. F. Vivanco, José Luis Hidalgo, A. F. Spencer, Adolfo Castaño, Gabriel Celaya, Maria Tereza Huidobro, Manuel Pinillos, V. Cremer, Susana March, Joan Teixidor, Alfonso Pintó, Mario López, Rafael de La Vega e Salvador Garcia) ao nome de Miguel Torga, do qual publica, em versão castelhana, o poema «Federico Garcia Lorca».

O n.^o 15, a par com poemas de Bousoño, Valverde, Eugénio de Nora, Pura Vásquez, publica, em versão castelhana, cinco poemas desse extraordinário Poeta Jacques Prévert,

LA CALANDRIA, n.^{os} 5 e 6. Barcelona. — Recebemos os dois últimos números desta curiosa «ave mensal de la poesia» de que já conhecíamos os primeiros quatro vôos. Como nos diz o seu director — Enrique Navarro Ramos — ao abrir o primeiro fascículo, a *Calandria* é «un pájaro de voz armoniosa y potente, que [hoy] — desde el mediterraneo — emprende su vuelo por las rutas hispánicas». E com esse vôo, que já vai largo e seguro, esta «ave de la poesia» bate as suas asas «deseosas de un nuevo rumbo, habrientas de un horizonte nuevo». Rumo que ainda se não distingue perfeitamente, dada a pouca unidade entre a colaboração (na sua maior parte valiosa, aliás) que os 6 números publicados reúnem.

INTUS, n.^{os} 3, 4, 5, 6, 7-8-9. De Salamanca chega-nos esta excelente revista de Poesia, uma das mais apreciáveis de quantas se publicam em terras hispánicas. Dirige-a, com finura e acerto, o Poeta Julio Garcia Morejón, abrindo-a à publicação de

poemas inéditos, críticas, contos, memórias, ensaios, etc.

Da valiosa e variada colaboração inserta nos cinco exemplares recebidos, destacamos os poemas de Carmen Conde, Manuel del Cabral, Garcia Morejón, Pura Vásquez, José Maria Forteza, Manuel Altolaguirre, Leopoldo de Luis, uma curiosíssima *carta aberta* de Enrique Azcoaga a Garcia Morejón (carta aberta que é uma autêntica poética, delineada por esse subtil e vigoroso crítico-poeta que é Ascoaga), e as interessantes e inteligentes notas de estéticas que António Fernandez Spencer nos dá através da «mensagem de estética de Sebastián Millet».

SAZÓN, n.ºs 3, 4 e 5-6. Com este título publica-se em Murcia uma interessante revista de Poesia, sob a direcção do Poeta Basilio A. Fuentes Alarcón.

Sazón pretende ser uma *revista ibérica de poesia*, abrindo as suas páginas aos Poetas dos dois principais idiomas peninsulares — facto que bastante a aproxima de «Sísifo».

Assim, e a par de uma valiosa colaboração espanhola, *Sazón* tem-se esforçado por manter, através de todos os seus números, a colaboração de Poetas portugueses. É de lamentar, porém, que os desígnios de *Sazón*, e do seu director, tenham sido, até agora, gorados pela audácia de *poetas de ocasião* que sempre aparecem a explorar as boas intenções. Facto que, aliás, facilmente poderá ser corrigido, tanto mais que encontramos, entre os colaboradores espanhóis habituais, alguém que tem estado em

Portugal, conhece a literatura portuguesa e poderá, com cuidado, separar o trigo do joio: referimo-nos ao Poeta Dictinio de Castillo — Elejabeytia. Salvam-se, entretanto, da colaboração portuguesa, os dois «sonetos à juventude» de Campos de Figueiredo, e os poemas de Egito Gonçalves e de Fernando Guedes.

Da colaboração espanhola, destacamos os poemas de Carmen Conde, Entrambasaguas, Pura Vásquez, Leopoldo de Luis, Juan Germán Schröder, Manuel Pinillos, Júlio, Garcia Morejón, Rafael Millán, Ramon González-Alegre Bálgoma, Basilio Fuentes Alarcón, Mario Angel Marrodán, Rafael Laffón, Miguel Fernández, Vicente Ramos e Luis Filipe Vivanco. A assinalar, também, a parte antológica inserta no seu último número.

ÁGORA, n.ºs 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Madrid. Da capital espanhola recebemos estes tão interessantes «cuadernos de poesia», cuja direcção está a cargo do Poeta Rafael Millán.

Tendo em vista, unicamente, o nível artístico dos seus colaboradores, «sin distinción de tendencias ni estilos», *Ágora* propõe-se dar-nos, através dos seus dez cadernos publicados, uma ampla visão da mais actual Poesia espanhola, documentada através de uma valiosa e variada lista de Poemas jovens, que alinham, ao lado de nomes consagrados de gerações anteriores, tais como o de Gerardo Diego.

Referência especial nos merece o cuidado que os organizadores destes «cuadernos» têm posto na sua excelente apresentação gráfica.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Além das publicações a que fazemos referência crítica no presente fascículo, recebemos as que a seguir apontamos, e às quais iremos fazendo referência, nos próximos fascículos, respeitando a ordem do seu recebimento: — LIVROS — Manuel Arce — *Carta de paz a un hombre extranjero* (versión francesa); Lêdo Ivo — *Linguagem*; Sebastião da Gama — *Campo Aberto*; Carlos Camposa — *Incontormidade*; Albano Martins — *Secura Verde*; Jacinto Albergaria — *Os dias indefinidos*; Juan Guerrero Zamora — *Notícia de Miguel Hernandez* (Cuadernos de Política y Literatura); Garcia Luengo — *Revisión del Teatro de Garcia Lorca* (idem); Manuel Jiménez Quílez — *Libertad de Prensa y Soberania de Información* (idem); Fernandez Figueiroa — *Comentarios a La vida nueva de Pedrito de Andia* (idem); Pura Vásquez — *Desde la Niebla e Madrugada Fronda*; António de Sousa — *Linha de Terra*; Manuel Pinillos — *Demasiados Angeles*; Eduino de Jesus — *Caminho para o desconhecido*; Ramón González — *Alegre Bálgora* — *Raiz de las horas*.

REVISTAS — *Revista Branca* (13, 14, 15); *Deucalión* (3, 4); *Alba* (3, 4); *Ambito* (2); *Platero* (6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14); *Mensajes de Poesia* (10, 11); *Indice de artes y letras* (43, 47, 48, 49) e *Távola Redonda* (11, 12).



Dirigir toda a correspondência ao Director de SÍSIFO,
Avenida Sá da Bandeira, 108 — Coimbra — Portugal.



SÍSIFO não é uma publicação de um grupo. É uma publicação aberta a todos aqueles que crêem na Poesia. Por isso, todos os poetas que nos escrevam serão atendidos com simpatia. Reserva-se, porém, SÍSIFO o direito de uma rigorosa selecção dos originais, no que respeita ao seu nível poético, sem que se sinta a redacção obrigada a devolver aqueles que não venham a ser publicados.

EXEMPLAR N.º

68

DISTRIBUÍDO PELA
ATLANTIDA, L. E. L.
E IMPRESSO NAS SUAS OFICINAS
1 9 5 2